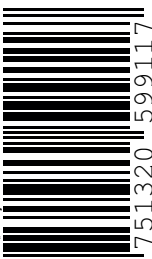


Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 2018

37

Jornal Psicologia em Foco[©]

R\$ 2,00 - ISSN 2178-9096



0 751320 599117

A atualidade dos mitos

Mitologias como práticas culturais

10 e 11 sessão especial

**JPF conversa com o historiador
Heráclito Aragão Pinheiro**

4 e 5 jpf entrevista

**Novas definições de escuta e
depoimento especial**

3 crp responde



Edição Nº 37
Janeiro,
Fevereiro, Março
e Abril de 2018

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnolli R.
Gomes (CRP 08/16521)

REDAÇÃO

Ana Gabriela Monteschio,
Eduardo Chierrito
(CRP 08/22624), Emily
Albuquerque (CRP 08/24208),
Laura Christofoletti
(CRP 12/16691), Gabriela
Romagnolli, Marcos Paulo
Shiozaki (CRP 08/23463),
Toni Trentinalha (CRP
08/26248), Thais Koga,
Luciano Biondi, Gabriel
Arndt, João Henrique Piva
Boeira, Letícia Cabral
Gonçalves Lopes, Gabriela
Cristófoli Pereira (CRP
08/26144)

REVISÃO

Eduardo Chierrito (CRP
08/22624), Thais Koga

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Design

DIVULGAÇÃO

Juliana Sanches, Francieli
Ferri, Amanda Franco, Eduardo
Chierrito (CRP 08/22624),
Thaynara Felipe (CRP
08/23925)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

ENTRE EM NOSSO FACEBOOK PARA ACESSAR CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

[facebook.com/
psicologiaemfocoinstituato](https://facebook.com/psicologiaemfocoinstituato)

PUBLIQUE SEU ARTIGO

enviando um e-mail para
redacaojpf@gmail.com

ou entre em nosso site
para maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

EDITORIAL

Mitologia e literatura: a linguagem esquecida



Vinicius Romagnolli R. Gomes

Psicólogo clínico (CRP 08/16521),
historiador e professor universitário.
Doutorando em psicologia pela
UNESP.

Em pleno século XXI, muitos podem questionar a escolha do eixo temático do INSTITUTO PSICOLOGIA EM FOCO para este ano... Falar de mitos e literatura em 2018? Argumento em nossa defesa, apesar de serem sabedorias do passado, a mitologia e as grandes obras da literatura mundial permanecem fascinando e nos desafiando a pensar o sentido da existência. A despeito das críticas que apontam para um mundo desencantado e esvaziado de imaginação, vemos na revalorização dos clássicos uma crítica contundente à pretensão totalizante que a ciência nos vende.

Confiar no passado como fonte de sabedoria é um alento para os mais jovens em meio a um mundo em que os adultos esperam deles o conhecimento que deveriam oferecer-lhes. Há atualmente uma má-consciência por parte de adultos na transmissão de valores e na construção de uma narrativa que dê sustentação para seus rebentos. Assistimos a uma negação do passado acompanhada de uma obsessão pelo futuro, afinal, o passado está aí para ser esquecido enquanto o futuro é uma promessa idílica de gozo. Os adultos de hoje têm deixado seus filhos desamparados e sem bússola.

Nossa sociedade precisa dos velhos, dos mitos, contos de fada, folclore, lendas e clássicos da literatura; a nova geração não pode prescindir das gerações anteriores até para que estes possam ser superados. É alarmante vermos crianças e adolescentes mais predispostas à depressão, com uma esfera subjetiva achatada e sem capacidade criativa num mundo cujos valores estão totalmente atravessados pela linguagem da eficiência comercial. Como aponta Maria Rita Kehl esse cenário faz com que não nos interroguemos mais sobre os mistérios do desejo que nos anima. Perdemos a dimensão trágica da existência ao tentar conceber a vida como um empreendimento que precisa dar certo sempre e não como uma jornada que contém altos e baixos.

Assim sendo, nosso intuito é contribuir para o resgate da “linguagem esquecida” dos mitos e da literatura, a fim de aprofundar a nossa narrativa pessoal, afinal, como bem disse o poeta “não podemos fazer muito sobre a extensão das nossas vidas, mas podemos fazer muito sobre a largura e a profundidade dela”■

Conheça a equipe do JPF!



Promovemos experiências transformadoras para que a comunidade (acadêmica e leiga) possa ter acesso à psicologia de uma maneira inovadora.

Leia as edições de nosso jornal também online:
institutopsicologiaemfoco.com.br

Aproveite e assine o JPF e receba as edições anuais na comodidade de sua casa!
Entre em contato com ipfoficinadosaber@gmail.com

SUBSOLO DE MEMÓRIAS

A dialética do senhor escravo



Flávio Ricardo Vassoler

Escritor e professor, é doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP, com pós-doutorado em Literatura Russa junto à Northwestern University (EUA).

Em uma passagem do ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, assim falou Walter Benjamin:

O primeiro narrador grego foi Heródoto. No capítulo XIV do terceiro livro de suas Histórias encontramos um relato muito instrutivo. Seu tema é Psammenit. Quando o rei egípcio Psammenit foi derrotado e reduzido ao cativo pelo rei persa Cambises, este resolveu humilhar seu cativo. Deu ordens para que Psammenit fosse posto na rua em que passaria o cortejo triunfal dos persas. Organizou esse cortejo de modo que o prisioneiro pudesse ver sua filha degradada à condição de criada, indo ao poço com um jarro, para buscar água. Enquanto todos os egípcios se lamentavam com esse espetáculo, Psammenit ficou silencioso e imóvel, com os olhos no chão; e, quando logo em seguida viu seu filho, caminhando no cortejo para ser executado, continuou imóvel. Mas, quando viu um dos seus servidores, um velho miserável, na fila dos cativos, golpeou a cabeça com os punhos e mostrou os sinais do mais profundo desespero¹.

Ora, por que Psammenit permaneceu impassível diante da humilhação de seus filhos, mas acabou caindo em desespero diante da prostração de um velho servidor? Ao lado de uma glosa de Montaigne – “[o rei egípcio] já estava tão cheio de tristeza, que uma gota a mais bastaria para derrubar as comportas” –, Benjamin arrola outras possíveis causas:

[i] O destino da família real não afeta o rei, porque é o seu próprio destino; [ii] muitas coisas que não nos afetam na vida nos afetam no palco, e para o rei o criado era apenas um ator; [iii] as grandes dores são contidas e só irrompem quando ocorre uma distensão. O espetáculo do servidor foi essa distensão².

Eis a minha própria interpretação: de fato, as grandes dores são contidas e só irrompem quando ocorre uma distensão. O destino da família real não afeta o rei, porque é o seu próprio destino. Mas, quando Psammenit vê a prostração de seu velho servidor – quicá, o mais antigo e leal de todos os seus servidores –, o rei sente, de uma só vez, que perdeu completamente a majestade. Afinal, um senhor sem seus escravos não representaria o aguilhão da escravidão para aquele que se vê coagido a escravizar? ■

1 Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pp. 203-204.

2 Idem, p. 204.

CRP RESPONDE

Novas definições de escuta e depoimento especial



www.crprr.org.br
facebook.com/crprr
instagram: @crp_pr

Coluna do Conselho Regional de Psicologia (CRP-PR) trará informações e responderá dúvidas sobre a profissão e o exercício profissional a cada edição.

O Conselho Regional de Psicologia – CRP 08 em plenária criou um Grupo de trabalho – GT DA ESCUTA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTE – LEI 13431/2017 formado por conselheiros e colaboradores das Comissões de Psicologia Jurídica de Curitiba, Maringá, Londrina e Foz do Iguaçu com objetivo de discutir os parâmetros, metodologias, práticas e documentos quanto à escuta e depoimento especial realizado por psicólogos.

O GT está trabalhando na elaboração de uma Nota Técnica que deverá ser publicada até junho/2018 deverá conter definições de escuta e depoimento especial, segundo o entendimento da psicologia, deverá ainda trazer sugestões para organização de equipamentos envolvidos na escuta e no depoimento especial, de maneira a assegurar que as medidas prescritas na LEI 13431/2017 sejam cumpridas, sem ferir a ética e a melhor técnica a ser empregada pelos psicólogos.

Indicando também os documentos a serem emitidos em cada procedimento, conforme Resolução 007/2003, orientando assim toda categoria. ■

assine o nosso jornal

faça parte de
nossa história

receba as edições
anuais no conforto de
sua casa ou em sua
clínica e ainda ganhe
descontos nos cursos
da Oficina do Saber



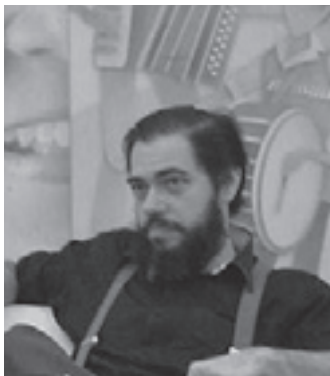
mais informações:

(44) 99836.9484

(44) 99112.4469

ipfocinadosaber@gmail.com

Heráclito Aragão Pinheiro



Historiador (UFC), mestre em Psicologia (UFC), coordenador da pós-graduação em Psicologia Junguiana (RATIO), professor do curso de Psicologia da faculdade Ateneu, autor dos livros: *Naruto e a Mitologia Oriental*, *Impetus: Mitologia, Psicologia e Cultura*, do romance de fantasia *Obakemono*

JPF – *A psicologia analítica é uma das abordagens que possui ênfase na psicodinâmica e nos aspectos simbólicos da psique. Como você percebe o espaço para a vida simbólica em tempos atuais?*

HERÁCLITO – Paradoxalmente, temos imensas dificuldades que nossos antepassados não tiveram e grandes oportunidades. Jung fala do despedaçamento do dogma católico produzido pela reforma protestante como uma catástrofe espiritual europeia, isso devido a imensa importância do dogma, pois ele, simultaneamente, nos protege do inconsciente e permite algum grau de sua participação na vida consciente. Muitas pessoas falam em símbolos em sentido junguiano, mas parecem se esquecer que, o que é mais importante ao se pensar em símbolos sob a ótica de Jung é o seu papel energético (no sentido da teoria de Jung sobre energia psíquica). Um símbolo é um transformador de energia e um produtor de cultura. A rigor, símbolos só podem surgir individualmente, mas podem ter valor coletivo e serem de grande impacto social e histórico, sendo trabalhados por uma comunidade mais ampla e servindo a essa mesma comunidade, permitindo que a energia do inconsciente participe da vida consciente a imbuindo de vida. Contudo, mesmo os grandes símbolos se petrificam e se esgotam, são o que Jung denominava de símbolos históricos ou mortos. Eles se tornaram uma propriedade da consciência, e não são mais a melhor expressão possível de algo apenas obscuramente pressentido. Em um momento em que nossas tradições mais veneráveis, como o catolicismo e o cristianismo em geral, estão petrificadas e se tornaram um artigo de museu, algo do passado que já não comunica vida e mistério para um número crescente de pessoas, surge a possibilidade de um contato mais imediato com o inconsciente. Isso traz grandes possibilidades e imensos perigos, pois nada mais nos protege das sombras do abismo e dos dragões que as vigiam, porém, vencidos esses perigos mortais, nos espera vida nova. Acontece que essa nova vida não chegou, e, como Campbell gostava de dizer, com o ocaso das grandes tradições mitológicas, estamos todos “em queda livre em direção ao futuro”. São grandes os perigos, mas as recompensas também são grandes, e, nesses tempos interessantes, o convite a aventura está posto para todos e não apenas para alguns escolhidos, resta aceitá-lo ou não.

JPF – *Em congruência com a compreensão das vicissitudes sociais, Jung propõe que os Deuses se tornaram doenças. Comente.*

HERÁCLITO – Antes eu podia estar nas mãos de Zeus ou Hera, mas agora sou acossado por uma neurose, sem fazer psicologismo, as duas coisas são parecidas, só que a neurose é bem pior. Ao lidar com um deus, como Ogum, por exemplo, eu sei mais ou menos como agir, sei que se trata de algo que existe objetivamente e com o qual preciso me relacionar; sei, até mesmo, as fórmulas tradicionais com as quais realizar rituais apotrópicos e, principalmente, sei que deve temê-lo. Com uma neurose eu não tenho, a princípio, nenhum desses conhecimentos. Jung costumava afirmar que “só se pode defender de um inimigo que você conhece”, pois bem, a neurose é um inimigo que eu desconheço. Uma pessoa neurótica sofre, mas não sabe os motivos de seu padecimento, o que faz com que seu sofrimento seja um logro, sem valor moral, o que só piora tudo. Num primeiro momento, eu me culpo (certamente tenho minha dose de culpa), mas estou lidando com um demônio desconhecido, capaz de me transformar num joguete, independente de minhas melhores intenções, trata-se de algo objetivo e que está para além da minha vontade e não se reduz a um arbítrio. Por isso Jung não se importava em fazer diagnósticos como os psiquiatras, pois a constelação de complexos que causa a neurose é desconhecida, inconsciente, tanto para o médico quanto para o paciente.



Deuses e neuroses são potenciais do inconsciente, ao lidar com o mundo dos arquétipos devemos ter em mente que eles não são apenas objetos da vida psíquica, mas podem também ser sujeitos (nesse caso o eu é o objeto). Se lidarmos com deuses ou demônios vai depender da nossa atitude com relação ao inconsciente. A hipótese basilar de Jung era a de que a relação entre consciente-inconsciente é compensatória, logo o inconsciente vai reagir à nossa atitude, e uma relação amigável com esses poderes que nos atravessam. Essas dominantes (um outro nome para arquétipo), vão, em larga medida, depender da maneira como olhamos para elas. É de fundamental importância, todavia, ressaltar o papel da consciência, esse milagre cósmico, pois sem ela as coisas vão menos bem. Quando algo é inconsciente, não há nada que possamos fazer, apenas sofrer as amargas consequências dessa inconsciência, quando nos tornamos conscientes de algo passamos a ter um problema. A consciência nos traz grandes problemas, mas problemas são coisas que podemos resolver. Feliz de quem tem problemas.

JPF – *Mitologia, literatura, artes e psicologia são faces de mesma moeda?*

HERÁCLITO – Não, não são. É importante ressaltar isso, essas 3 coisas são diferentes, apenas em seu nascedouro. Na alma, quando ainda são o complexo criativo, elas são a mesma coisa, mas quando vêm à luz, são distintas entre si, apesar de serem frutos da mesma árvore. Se não fosse assim, a estética e a arte seriam apenas capítulos da Psicologia, e isso não é dessa forma. Cada uma possui um valor próprio, e esse valor é inestimável, não devemos confundir as coisas sob pena de pagarmos um preço muito elevado.



© J.R.R. Tolkien - Glaurung sets forth to seek Túrin

JPF — Na perspectiva simbólica, qual a relação entre o complexo do eu e o herói?

HERÁCLITO — O herói é um modelo para o complexo do eu, um ser em quem se espelhar, a promessa de uma nova vida, uma imagem de uma realização possível do Si-mesmo (Selbst) no tempo. O herói nunca é completamente humano, ou ele é um semi-deus, ou tem algo de demoníaco, olhos de serpente, ou uma ligação com o divino. Heróis são modelos, modelos de uma vida com sentido que nos ultrapassa, de uma vida em que o significado de cada uma de suas ações não é egoísta. O que aprendemos com os heróis, é que na realização heroica, é preciso uma boa dose de designação e graça, precisamos do auxílio dos deuses. Frodo e Bilbo, por mais ordinários que fossem (como o herói tolo nos contos de fadas) tinham a ajuda de Gandalf (um poderoso espírito Maiar do fogo encerrado no corpo de um homem velho). E mais, mesmo que possamos ser heróis, a depender da necessidade, e da designação, entre outros tantos fatores, não o somos de antemão. O caminho heroico é árduo e repleto de perigos, e uma das ameaças mais prementes é aquela que Nietzsche chamou do Dragão que em cada uma de suas escamas está escrito “tu deves”, poucos são capazes de abater esse dragão.

“Se lidaremos com deuses ou demônios vai depender da nossa atitude com relação ao inconsciente.”

Heráclito Aragão Pinheiro

JPF — Por fim, a psicologia analítica e a perspectiva de Jung sobre a psique permanecem em constante transformação e revisão. Entre as contribuições, qual poderia auxiliar a travessia e os caminhos de nossa jornada individual e coletiva?

HERÁCLITO — Talvez essa seja a pergunta mais complicada... Jung tem sido muito mal compreendido, sua obra tem sido confundida com o gnosticismo, o misticismo new age barato, ou a pura mitologia. Por incompetência ou desonestidade se fazem muitas interpretações equivocadas, por isso eu desconfio dessas “revisões”. Todavia, respondendo à pergunta, Jung reforça a mensagem de Freud de que não somos senhores em nossa própria casa, de que a vontade não reina suprema, que o inconsciente é um dado irracional, existencial e inalienável. Esse lado irracional do psiquismo nos fala por meio de sonhos, mas em uma outra língua, que não segue as mesmas regras da consciência. Tenho dedicado a minha vida à obra de Jung, e sei que existe ali algo de muito precioso, mas essa preciosidade deriva da capacidade de perceber, de maneira acurada, o quão valiosa é a nossa vida inconsciente, seu enorme valor, tanto para o bem quanto para o mal. ■

CONEXÕES

Thomas Mann e Sigmund Freud



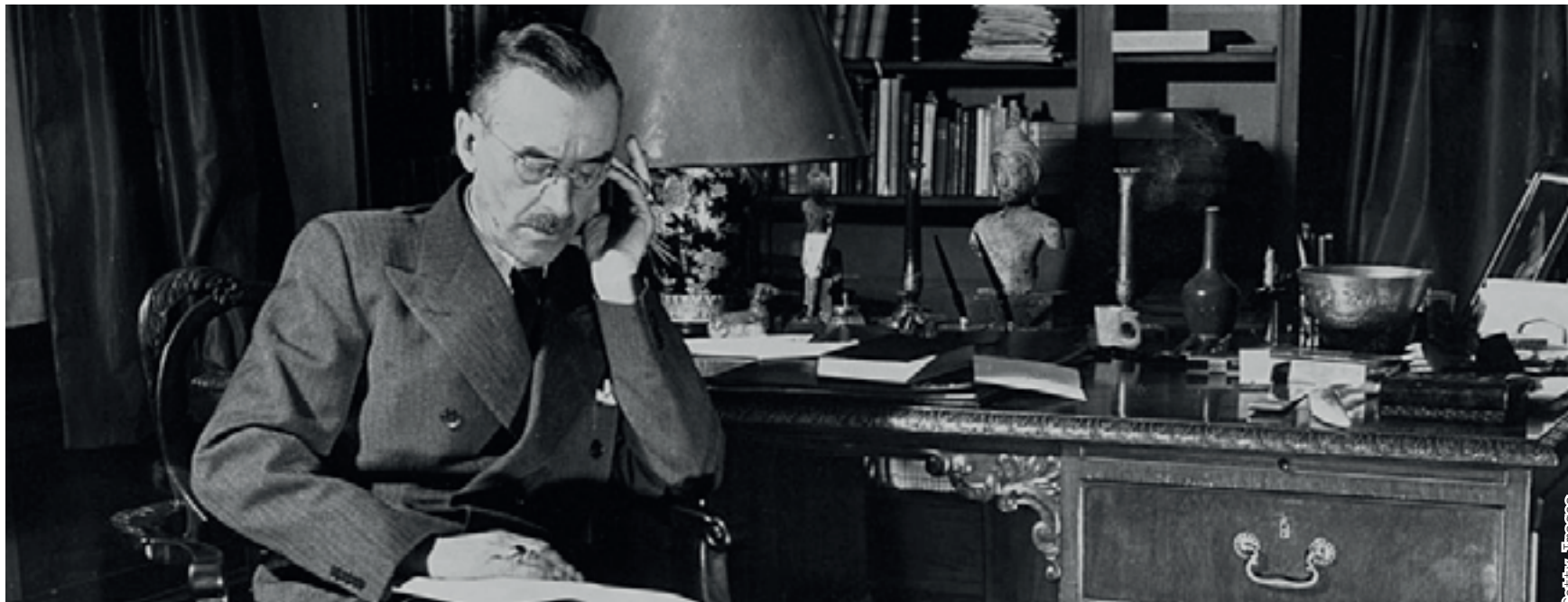
Aline Bertão Eggers

Psicóloga (CRP 08/21512), atualmente cursa especialização em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (Unicesumar).



Jessica Bertão Machado

Psicóloga (CRP 08/22554) e especialista em Psicoterapia de Abordagem Psicanalítica pela Unicesumar. Membro do Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica do Núcleo de Psicanálise do Norte do Paraná- NPNP.



Getty Images

Thomas Mann nasceu em Lübeck, na Alemanha, no dia 6 de junho de 1875 e faleceu em Kilchberg, próximo a Zurique, na Suíça, no dia 12 de agosto de 1955. Foi considerado um dos maiores escritores do século XX, recebendo o Prêmio Nobel de Literatura, em 1929. Com a morte do pai, em 1892, o comércio da família foi abandonado. Nesse mesmo ano, a família muda-se para Munique, centro das artes e de literatura. Com o incentivo da mãe, a brasileira Júlia da Silva Bruhns, Thomas passa a se dedicar à literatura.

Só Autor de alguns dos maiores clássicos modernos da literatura universal, incluindo “A Montanha Mágica”, “Doutor Fausto”, “Morte em Veneza”, “Os Buddenbrooks”, Thomas Mann destacou-se ao conjugar em seus livros a elaboração de suas dúvidas e inquietações existenciais. Com a representação dos conflitos de uma época de transformações profundas, característica que certamente lhe foi inspirada por uma ligação com a tradição idealista romântica alemã, principalmente com Goethe, seu modelo maior tanto para a literatura como para a vida (PRATER, 2000).

O primeiro encontro entre Freud e Thomas Mann aconteceu em março de 1932, por iniciativa do escritor. A obra freudiana atraiu profundamente seu interesse, mas Mann foi obrigado a superar inúmeros preconceitos até reconhecer a importância e a originalidade do pensamento psicanalítico. Mann dedicou seu último grande romance “Doutor Fausto”, iniciado na Segunda Guerra Mundial, a Freud. (PONTALIS; MANGO, 2013).

Segundo Saliba (2013), do encontro literário de Freud e Thomas Mann, deve-se ressaltar que ambos tinham interesses comuns e origens diferentes.

Mais que Freud, Mann se interessava pela literatura da época (Nietzsche e Schopenhauer), mas ambos admiravam Goethe e Schiller. Mann chegou a dizer que sua obra não era mais que uma contribuição pessoal à imortalidade de Goethe. Exilados no período do nazismo, tiveram os livros queimados, pois o escritor foi uma das vozes mais potentes do antifascismo europeu (SALIBA apud MANGO; PONTALIS, 2012, p. 249–290).

Saliba (2013) faz referência a obra “A montanha mágica” afirmando que a história narrada no livro, em um sanatório o doutor Krokovski faz conferências aos doentes em estilo “meio poético, meio doutoral” sobre “o amor como fator patogênico”. É como se Thomas tivesse acabado de ler os Três ensaios de Freud, quando se refere ao amor em tons variados: a instabilidade, o sentimento piedoso e venerável, a paixão carnal e luxuriosa, as perversões. Krokovski descreve o amor aparentemente vencido, recalcado, que se retira e habita secretamente nas profundezas da alma, e sua tendência insistente a retornar, a reaparecer sob formas novas, transformado e irreconhecível. Os sintomas são a manifestação secreta da vida amorosa, e toda doença é um amor metamorfoseado. Mann se interessava pela obra de Freud, visitando certa zona obscura da alma, onde frequentemente o amor se aproxima da doença e da morte.

Considerando-se os temas dominantes da obra de Thomas Mann – a doença, a sexualidade e a morte –, poder-se-ia pensar que seu encontro com a obra freudiana foi rápido e simples. Ideia equivocada. Contraditório em suas declarações, Thomas Mann até se desculparia, em uma carta de 03 de janeiro de 1930, a Sigmund Freud, pelo caráter tardio de sua

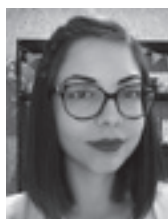
compreensão da teoria psicanalítica e de sua adesão aos valores de que ela era portadora.

Em 1926, em uma entrevista sobre a influência da psicanálise na literatura contemporânea, Mann diz que a novela “Morte em Veneza” foi criada sobre influência direta de Freud, mas que não se satisfaz em absoluto com as ideias freudianas. Três anos mais tarde, Mann presta homenagem a Freud no ensaio intitulado “A posição de Freud na moderna história das ideias”, no qual relata que a psicanálise é uma das pedras mais sólidas a terem um dia contribuídos para edificar o futuro, morada de uma humanidade alforriada que alcançou o conhecimento. Mann, na novela “Desagrada-me”, apresenta inúmeros pontos de contato com o ensaio de Freud “Psicologia das massas e análise do eu” (PONTALIS; MANGO, 2013).

De acordo com Pontalis e Mango (2013), o segundo encontro entre Freud e Mann foi em Grinzing, subúrbio de Viena, em 14 de junho de 1936. O escritor, por iniciativa do médico de Freud, aceita deslocar-se até o local onde o psicanalista passava as férias com a família pra fazer uma leitura do discurso que pronunciara em 8 de maio de 1936, para celebrar o octogésimo aniversário do fundador da psicanálise. Esse episódio prova a afinidade desses dois homens tão importantes para a história da humanidade.

A aproximação com a obra freudiana talvez tenha sido, para Mann, ocasião de retificar sua concepção da arte; de poder se aproximar do demoníaco, do inconsciente e suas forças obscuras, sem temor de se perder nisso, de sentir que seu trabalho de escritor era também frequentado por Eros e pelo desejo da beleza (SALIBA, 2013, p. 80). ■

O que a literatura me ensinou sobre Design



Aline Jorge

Especialista em Gestão Estratégica de Design e Inovação e sócia do escritório de Design Vermelho Panda.

Desde criança, língua portuguesa sempre foi a matéria que mais me fascinou. Após isso, veio a literatura e as infinitas possibilidades que ela, como uma porta mágica em um guarda-roupa, me abriu: me via mergulhada no universo das bruxas e dos seres mágicos, de detetives mirins e de aventuras intergalácticas. Todo esse encanto me levou direto para a faculdade de Letras, explorando formas de escrita e de interpretação de histórias e de palavras das mais diferentes culturas e países.

Anos depois, cursando Design e abrindo um escritório de Design junto com meu sócio, percebi que as duas áreas possuem uma proximidade muito real e enriquecedora. A literatura possui narrativa e jornadas da mesma forma que o Design. São modos de contar histórias (seja sobre um hobbit que vivia numa toca ou sobre uma nova marca de roupas que será inserida no mercado) e de despertar sentimentos e ações nas pessoas (um sorriso quando o estranho mistério é resolvido ou o sentimento heróico despertado por uma marca de esportes).

A verdade é que Design é contar histórias. E há muitas histórias a serem contadas. Hoje a responsabilidade dos designers é produzir mais do que identidade visual e embalagem de suco: é criar narrativas e contextos que estimulem a mente e o corpo. E o que é uma história, senão isso? O Design possui a capacidade de fazer as pessoas

sentirem emoções e sensações autênticas, criando uma ponte entre uma marca e a sociedade. As pessoas desejam cada dia mais sentir experiências emocionais com as marcas, criando uma perspectiva positiva e honesta entre o que se promete e o que se cumpre. É preciso conexão e diálogo.

Na literatura há uma preocupação com o efeito emocional e a beleza, bem como em informar o leitor. O mesmo acontece no Design, visto que existe também uma preocupação emocional e estética, e também informativa. Ambos os profissionais (escritores e designers) fazem uso de seu lápis para darem vida às ideias: seja uma história ou um design. São narrativas e jornadas construídas para conduzir as pessoas, despertar a imaginação e provocar curiosidade.

Seja para criar uma publicação impressa cheia de dados e infográficos, ou para criar um produto inovador no setor da tecnologia, os designers convidam as pessoas a entrarem em um cenário e explorá-lo: a sentir, tocar, se emocionar, surpreender e agir. Assim como numa história, designers lidam com as emoções e expectativas das pessoas para projetarem objetos, serviços, marcas, produtos e impressos que sejam, de fato, significativos e utilitários, em um mundo palpitando por narrativas envolventes. ■

A atualidade dos mitos



Reginaldo Aliçandro Bordin

Filósofo (USC), mestre em Educação (UEM). Doutor em História da Educação (UEM). Docente na PUC-PR, docente e pesquisador científico adjunto na Unicesumar.

Não restam muitas dúvidas de que os mitos exercem alguma curiosidade, mesmo numa época que valoriza saberes práticos e cultua a suposta eficiência das tecnologias. Quando procuramos em livrarias, bibliotecas ou outros recursos disponíveis, impressiona a quantidade de textos sobre o assunto, com muitas perspectivas interpretativas, algumas duvidosas. Essa constatação parece revelar algo importante: o mito é uma dimensão permanente da vida humana, tanto quanto o passado, pois ainda tem algo a dizer. Mas o quê? O que eles seriam? A brevidade do texto não nos permite maiores aprofundamentos, mas alguns princípios podem ser pontuados para compreendê-los e justificar a validade de estudá-los; mesmo em um momento histórico que tende a desvalorizar o passado e tomar o presente como realidade permanente.

Conhecemos os mitos, em particular os gregos, graças aos cantos homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, que relatam a luta de Aquiles e o regresso de Ulisses para seu lar, entre outros assuntos interessantes. De fato, poucos textos despertam tanta atenção e paixão de investigadores, acadêmicos ou não, quanto esses. Isso se deve não apenas à incerta autoria e data de composição (provavelmente séc. IX a.C.), ainda exigente de respostas precisas, mas, sobretudo, pela riqueza literária que continuam a inspirar quem se aventura a ler os cantos de Homero. A ele se juntam os poemas de Hesíodo (VII a.C.), *Teogonia* e *Trabalho e os dias*, com igual interesse, mas não com a mesma riqueza poética. Os romanos, com Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), nas *Metamorfoses*, também deixaram relevantes contribuições ao relatar o desenvolvimento do mundo e do homem.

Os referidos textos, embora não sejam únicos, contêm aspectos cruciais para compreensão do mito, enquanto gênero poético que caracterizou a formação dos gregos. De etimologia obscura, o mito parece designar fala, sequência de palavras, discurso. O sentido é o de narrativa, como expressam os cantos homéricos. *Ilíada* e *Odisseia* sugerem, no caso, a condição de terem sido compostos para ser recitados, cantados por meio de poetas ou aedos. Isso não significa afirmar que teve uma autoria individual: ele é produção coletiva e faz parte da realidade humana, que põe em discussão assuntos referentes aos deuses, ao cosmos e às dimensões humanas. O estatuto dele é, portanto, um relato vindo do fim dos tempos e que já existiria antes que um contador qualquer iniciasse sua narração. Por isso, o mito não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão

e da memória, condição que aproxima o mito da poesia. Nessa condição, o mito só vive se for contado de geração em geração, na vida cotidiana.

Enquanto expressão humana, enraizada nas experiências coletivas e individuais, os mitos contêm duas dimensões fundamentais, ainda que não únicas. Enquanto narração tradicional, eles são a forma mais antiga e longa de discursos sobre os deuses. Portanto, neles dominam especialmente os mistérios, os ritos, a relação com o sagrado. Mircea Eliade mencionou que o mito conta uma história sagrada, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo. Ele é sempre a narração de uma criação, como algo que começou a ser. Entretanto, o mito não se limita a narrar os feitos divinos e dos heróis, mas também fixam modelos de ritos e, por extensão, de comportamentos. A esse respeito, Eliade entendeu que a função do mito é fixar os modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas, a exemplo da alimentação, sexualidade, trabalho, educação, entre outros aspectos que compõem a complexidade da vida humana.

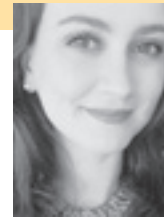
É nesse segundo sentido que o mito ganha maior relevância, porque põe em discussão as dimensões contraditórias da natureza e da condição humana. Enquanto registro, transposto da oralidade para a escrita, os muitos hinos e narrativas que chegaram até nosso tempo, evidenciam a organização e o equilíbrio da sociedade divina – seu modelo de funcionamento, em suma – são evocados por meio de rivalidades, dos conflitos que a dividem até provocar, às vezes, uma guerra sem descanso, amizades que se criam, casamentos celebrados, filiações que tecem, entre os diferentes âmbitos divinos, laços de parentesco, competições pelo poder, fracassos e vitórias, provas de força entre rivais ou partilha das honrarias entre aliados fiéis e seguros. Entretanto, essas dimensões que particularizam os deuses não são, propriamente, retrato fiel deles, mas uma forma de dar a ver, na forma do corpo humano, os valores. Não são, apenas, apanágios dos Imortais, mas reflexos que iluminam os próprios homens.

Assim, os mitos não podem ser considerados fantasias de um povo, mas sua produção mesma (religiosa, moral, educacional, poética, etc) que procura refletir as condutas humanas, estabelecendo modelos que devem ser tomados como referência e comportamentos a ser evitados. Por isso, eles são atuais e permanentes, pois tem sempre algo a dizer em todos os tempos. ■



PENSO ASSIM

0 dia em que desisti de ser Dostoiévski



Thais Ferreira Gattás

Escreve crônicas todos os sábados para o Caderno de Cultura Plural do jornal Notícias do Dia de Florianópolis.

Há um dia na vida em que você descobre que pode ser o que gosta de fazer. Eu tinha oito anos quando percebi que escrever me dava mais alegria do que saborear churros de doce de leite na praia. Meus cadernos tinham frases soltas, diálogos, sonetos melodramáticos e peças inacabadas. Cada livro era um portal mágico que provocava algo novo na imaginação. Pena é que logo a gente olha para o lado. E o meu erro foi crer, Paralamas do Sucesso, que em vez de acreditar na minha mão canhota, eu deveria me espelhar em quem escrevia histórias antes de mim.

O dia em que desisti de ser Dostoiévski é o mais importante de toda a minha trajetória com a escrita. O cara era o topo do monte Everest para mim. Russo, complexo e dono de uma literatura quase intraduzível. Nunca tive a menor chance de ser ele. Não é por acaso que não vim homem a esse mundo. Ele nasceu em Moscou e eu em Blumenau. Ele curtia um drinque destilado e eu sou dos fermentados. Queimei a largada da escrita: sou o clichê da escritora, com medo de nunca ser tão boa como um clássico capaz de atravessar gerações. Afinal, quem terá paciência de ler uma história contada por quem está começando?

Vou contar um segredo: nunca serei um clássico russo. Sou uma atualidade catarinense, que gosta de gente e de histórias bordadas a mão. Meu ofício é a delicada costura do que vejo por aí e que preciso contar. Meu método tem um quê da paciência dos pescadores que aguardam a chegada de tainhas. Minhas crônicas são feitas de renda de bilro e falam de todos nós.

Agora sim, tirei um sapato que apertava por uma vida inteira. Agora sim, as palavras me têm na palma da mão. Agora sim, o espelho reflete a minha própria caligrafia. Agora sim, ajusto o tom, o volume e o sentido do que é escrito. Agora sim, bebo da fonte sem me parecer com quem admiro. Agora sim, escrevo sobre o que nos pega pelo avesso de maneira que todos possam compreender. Agora sim, não preciso ser Dostoiévski. Um amigo que não conheci e que descansa em paz depois de crimes e castigos que sofremos numa parceria de sucesso nunca firmada. Soube que ele dizia que seu mal era o que chamo

de meu bem: a consciência. É, nunca fomos um par perfeito.

Você pode substituir essa crônica por sua vida, a palavra escritora pela profissão que resolveu abraçar e o Dostoiévski por qualquer mito que encasquetou que deveria ser ao invés de você mesmo. Sua vida. Guitarra. Van Halen. Sua vida. Tecnologia. Steve Jobs. Sua vida. Teatro. Shakespeare. Sua vida. Psicologia. Jung. Faça-se um favor: não durma mais nenhuma noite

com o barulho desses caras. Respire a criação maravilhosa do que fizeram e deixe descansar. Liberte o gênio vivo que mora nos cafundós da sua mente. Não tenha a cara de ninguém além da sua. Eu, de saia, escrevo mais uma história do único jeito que sei. Eu, de saia, vejo como brilham as coisas singelas que só você pode tirar de dentro da própria cartola ■



Vassilij Orlovskij, 1872

casas, apartamentos, comerciais ou terrenos?

faça uma decisão de

CONFIANÇA!

IMOBILIÁRIA

SILVIO IWATA

www.silvioiwata.com.br

CONEXÕES

A fênix e o basilisco



Gabriela Cristófoli Pereira

Psicóloga CRP 08/26144. Membro do Instituto Psicologia em Foco.

Quem já leu Harry Potter se lembra de que no livro "Harry Potter e a câmara secreta" (1998) o protagonista tem de enfrentar um Basilisco e nessa luta é ajudado por uma Fênix. Esses dois animais são considerados como monstros modernos, sucessores das Górgonas, Hidras e Quimeras, que por não terem relação com os falsos deuses do paganismo continuaram presentes na crença popular depois do advento do cristianismo.

A Fênix, diferente dos outros animais, se reproduz sozinha. Vive de incenso e raízes aromáticas, e depois de quinhentos anos de vida, faz um ninho com mirra, cardamomo e nardo, nele se coloca e morre. De seus restos nasce uma jovem fênix, que se desenvolve e depois de crescer e implumar, coloca seu ninho (que também é o túmulo de seu pai) em suas costas e experimenta suas forças. Ao sentir-se segura, o leva para o templo do sol, no Egito, onde é consumido por chamas odoríferas. (BULFINCH, 2002)

O Obelisco, nascido do ovo de um galo, chocado por sapos ou serpentes se locomovia de maneira firme e ereta, matava arbustos, fendia rochas. Era o rei das serpentes, no topo de sua cabeça tinha uma crista em forma de coroa que confirmava seu poder. Todas as outras cobras fugiam ao ouvirem seu silvo, já que não desejavam serem queimadas ou fulminadas. O cavaleiro que se atrevia a matá-lo com sua espada, morria, pois seu veneno deslocado pela arma escorria e matava até o cavalo. Curiosamente, tinha medo do galo, talvez por ter consciência de sua origem. (BULFINCH, 2002) ■



Jake Parker

MARINGÁ | PR
 AVENIDA TIRADENTES, 3808
 SALA 1001 - CENTRO

INSCRIÇÕES
 (44) 3025-7832
 falecdnsc@ctcveda.com.br

INÍCIO EM
 ABRIL DE 2018

ESPECIALIZAÇÃO

TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

2018

TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL
 CRP 06/4578-J / CREDENCIAMENTO MEC 71516

O CTC Veda e sua equipe, juntamente com a FAPSS, abrem a **7ª turma** de Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (Terapia Cognitiva de Beck). O curso tem o credenciamento do **MEC** (válido em todo território nacional) e credenciamento opcional pelo **DGERT** (válido em países da União Europeia).

Maiores informações acesse o site: www.ctcveda.com.br

CENTRO DE TERAPIA COGNITIVA VEDA

Clínica Psicanalítica de Casal e Família

Início em 28 de abril de 2018

Curso ministrado por grupo de psicanalistas argentinos que se encontram entre os máximos expoentes mundiais desta área.

Investimento: 9 parcelas de R\$ 360,00 (para o 1º ano).



(44) 3227-0252



(44) 99126-2197



eppmsecretariaacademica@gmail.com



<http://www.facebook.com/EPPM>

Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea

Início em 17 de março de 2018

Professores do mais alto nível brasileiros e estrangeiros.

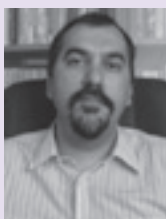
Investimento: 24 parcelas de R\$ 500,00.



Local: Rua Néo Alves Martins, 2789, Sala 401



Mitologias práticas c

**Carlos Eduardo Lopes**

Psicólogo pela UFSCAR (2002) e doutor em Filosofia pela UFSCAR (2006). Atualmente docente do departamento de Psicologia (UEM).

**Carolina Laurenti**

Psicóloga pela UEL (2002), mestre pela UEL (2004) e doutora em Filosofia pela UFSCAR (2009). Atualmente, docente adjunta do Departamento de Psicologia da UEM na área de Fundamentos da Psicologia e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento da UEL.

como culturais

De um ponto de vista comportamental, as mitologias são discursos ou, simplesmente, comportamento verbal. No entanto, na medida em que esses discursos são transmitidos de geração a geração, as mitologias são também práticas culturais verbais. Essa definição tem algumas implicações para pensarmos nossa relação com as culturas e seus mitos.

A primeira delas é que as mitologias, entendidas como práticas culturais, estão sujeitas à evolução. Isso significa que essas práticas não são imutáveis, pois sofrem mudanças no decorrer do tempo. Mas o que explica essa evolução? Ou, mais especificamente, quais são as fontes de variação de uma prática cultural?

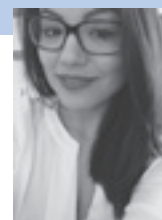
Umas das fontes de variação de uma prática cultural é seu processo de transmissão. Para que uma cultura sobreviva, ou seja, para que ela preserve sua identidade, é preciso que o processo de transmissão de práticas restrinja as variações. Isso é alcançado de modo eficaz quando a transmissão se dá pela escrita, pois conta com um produto cultural estável (texto), que pode ser acessado por diferentes membros em diferentes momentos. No entanto, isso não quer dizer que sem escrita não haja transmissão efetiva de práticas. Na cultura grega, por exemplo, os mitos foram transmitidos inicialmente por gravuras, afrescos e outras técnicas pictóricas. Mesmo em culturas orais, como

as indígenas e africanas tradicionais, os mitos foram transmitidos durante séculos por meio de rituais, canções, danças etc. De qualquer modo, a transmissão oral está mais sujeita a variações, pois depende exclusivamente de um falante, cujo comportamento verbal é influenciado por diferentes fatores.

Outra fonte de variação de uma prática cultural deve-se a fatores “extrínsecos” à própria cultura (mudanças climáticas, invasões, diásporas), que obrigam mudanças em práticas para evitar a extinção da cultura. Nesse caso, culturas capazes de se ajustar a essa nova realidade têm mais chances de sobreviver, do que aquelas que insistirem de maneira rígida nas mesmas práticas. Por exemplo: a “importação” da mitologia africana por escravos, durante o período colonial das Américas, foi responsável por mudanças substanciais nessa mitologia, criando um tipo de “especiação” da mitologia dos orixás nas colônias americanas, principalmente no Brasil e em Cuba. Embora ainda possam ser reconhecidas como derivações de uma mitologia africana original (iorubá), essas “variações” já têm uma identidade própria: alguns rituais foram adaptados à realidade de cada país, incorporando em ebós, frutos e outros alimentos que não existiam no contexto original. Como práticas culturais, os mitos são, portanto, contextuais e não universais.

Além do seu caráter mutável, entender as mitologias como práticas culturais nos leva a reconhecer sua pluralidade. A própria noção de cultura é plural, pois agrega um conjunto de práticas sociais que coexistem, nem sempre de maneira harmônica, e que, por vezes, se interpenetram. O mais adequado seria falar, então, de culturas, sempre no plural. Como há diferentes culturas, há muitas mitologias (grega, romana, nórdica, indígenas, africanas). Essa ressalva é importante, pois revela preconceitos ainda vigentes em nossa cultura acadêmica: por que estudamos e reconhecemos a mitologia grega como um conhecimento digno e praticamente universal, ao mesmo tempo em que ignoramos as mitologias africanas? Por que a mitologia grega é um exemplo de “alta cultura” e as mitologias indígenas são tratadas como primitivas? No caso do Brasil isso é ainda mais intrigante, uma vez que, historicamente, nossa cultura teve mais contato com as mitologias indígenas e, principalmente, africanas do que com a grega. Por que Édipo e não Ogum? Por que Dionísio e não Exu? Nossa preferência por mitologias de linhagem europeia parece revelar mais uma instância de uma herança colonialista, que se entranha também no modo como produzimos conhecimento sobre nossa própria cultura e sobre nós mesmos. ■

Sobre Fanatismo e a Psicanálise Mal-humorada



Samara Megume Rodrigues

Psicanalista, Psicóloga (CRP 08/18324) e mestre em Psicologia (UEM) (na linha Epistemologia e Práxis em Psicologia). Idealizadora e coordenadora da "Roda de Psicanálise: espaço de transmissão e formação".



Getty Images

Todo fanático, seja ele religioso, político, workaholic ou obcecado de amor, é mal-humorado. Pois além de acreditar que existe a forma correta/completa/perfeita de aplacar todos os conflitos, essa ainda seria única. Não existe flexibilidade em seus investimentos afetivos e a rigidez também é imposta às pessoas a sua volta. Afinal, quem é duro consigo mesmo adquire o direito de também ser com os outros.

Só podemos rir quando deixamos cair nossa altura, nossa onipotência. Um tropeço pode ser ocasião de gargalhadas para alguns ou de vergonha e humilhação para outros. Freud (1905/1927) estudou o fenômeno do riso e comicidade em duas de suas obras. Não por acaso, são seus trabalhos menos lidos. O ser humano tem uma tendência maior em focar no sofrimento, na doença e na morte do que na saúde e na vida. Tão complexo quanto a dor é a alegria, porque não estudá-la? A resposta: porque não é coisa séria.

Existe uma piada que é bastante conhecida e é contada ora para denegrir o ofício da psicanálise, ora para apontar a sua frutífera singularidade. É assim:

Dois amigos se encontram, um deles visivelmente abatido. Quando questionado sobre seu estado ele diz que, com sua idade, ainda faz xixi na cama, o que o deixa mortificado. O amigo sugere que ele procure um psicanalista. Muito tempo depois, eles se reencontram e o queixoso está alegre, confiante e descontraído:

- Segui seu conselho e estou me analisando.
- Que bom, então você não faz mais xixi na cama?
- Continuo fazendo, mas agora eu nem me importo!

Embora saibamos da efetividade da psicanálise na modificação dos males do sujeito, há muita verdade nesta anedota. Diferentemente das outras psicologias, a psicanálise não se foca na cura do sintoma, mas na relação que o sujeito estabelece com a realidade. O humor altera exatamente essa relação. O que se transforma numa análise (e o que muda com humor) não são as tragédias da vida, mas a relação que estabelecemos com elas.

Uma constatação inquietante: o que nos faz rir é tecido com os mesmos fios daquilo que nos faz chorar. Ambos evidenciam algo que nos ultrapas-

sa, que escapa do nosso controle consciente. Como entender a dinâmica do sujeito que, ao invés de se desesperar com a falha, sorri, extraindo prazer onde aparentemente só existiria dor?

Para Freud (1905) o chiste* [Witz] é a realização simbólica de desejos sexuais e agressivos. Ele é a satisfação de desejos reprimidos, mas, diferente do sintoma, se encontra dentro dos limites da saúde mental. Em tom de brincadeira, o sujeito pode dizer o que deseja, atravessando as barreiras da moral e dos "bons costumes". O chiste é uma formação do inconsciente (tal como os sonhos, atos falhos, sintomas, lapsos, esquecimentos). Mas ele possui a singularidade de ser intencional e criar laço social: ele comunica um saber que não pode ser completamente revelado.

Freud (1927) não investiga apenas as brincadeiras verbais, mas o humor como atitude psíquica do sujeito diante de si mesmo e do mundo. Ele revela que o que está em jogo é um papel afável do Supereu, que consegue amparar o Eu diante das adversidades. Como se o sujeito pudesse dizer a si mesmo: "Vejam, isso é o mundo que parece tão perigoso. É uma brincadeira de crianças, é bom para um gracejo!" (Freud, 1927, p. 330). Trata-se da capacidade de saber perder, uma alegria súbita que acontece no reconhecimento da própria insuficiência (constitutiva da vida).

O sujeito incapaz de ter humor está preso a intensas idealizações. Freud, estudando esse mecanismo psíquico, mostra que ele está presente na melancolia, nas perversões e na adesão cega dos indivíduos a um líder/tirano/grupo. Para Freud (1921) tal mecanismo renova a situação de abandono infantil, impondo uma relação entre um ser poderoso e um imponente e indefeso. O humor vai à contramão desta atitude, pois é um processo de desidealização. "O humor não é resignado é rebelde" (Freud, 1927), pois nele o sujeito consegue afirmar seu desejo diante das figuras de autoridade, configurando-se assim, como um avesso do sintoma. Não se trata de gozar do sofrimento, mas criar representações eróticas para ele. Ou seja, o humor seria uma "recusa" ao masoquismo.

O mau humor é mais contagioso do que gripe. Imagine, então, se você está numa situação completamente exposta, como um *setting* analítico. Por isso certifique-se de que seu analista toma

os devidos cuidados: se ele próprio faz análise, supervisão e se mantém ativo, estudando. Nada mais engraçado e consequentemente trágico, do que um analista fanático por interpretações, em que o "sujeito suposto saber" funciona como uma máscara colada à cara, que nunca cai. A teoria lhe serve de escudo e a dissimetria da relação analítica é sua arma. A necessidade de ataque é proporcional à fragilidade. Há analistas que nunca riem, justamente porque o riso ameaça todas as autoridades. Não se trata de rir do analisando, mas rir com ele. São profissionais que não produzem com o paciente, mas trazem as verdades no bolso, a serem impostas.

O dogmatismo está a serviço do recalque. Como é possível produzir a abertura do inconsciente estando o analista preso ao seu próprio julgo superegótico?

A regra fundamental da Psicanálise, a associação livre por parte do analisando e atenção flutuante, por parte do analista, só é possível na medida em que algumas barreiras possam ser suspensas. A rigidez moral ou teórica do analista faz a atenção afundar. Estaria ele disposto a abandonar a segurança das certezas para poder navegar, atravessando o insólito, inquietante, agressivo e assustador presente nas fantasias do analisando?

O estudo da metapsicologia do humor, da alegria, da arte (e demais processos sublimatórios) leva a uma direção de cura que aposta na invenção, em lugar da decifração (estéril) do passado.

Zaratustra de Nietzsche (1998) fala "Eu só poderia crer em um Deus que soubesse dançar". A autoridade interna e/ou externa estática produz submissão e violência. Em uma análise é preciso saber descer e subir, se movimentar para poder achar a cadência e o ritmo do encontro analítico - sempre singular.

No fanatismo não é possível ter dúvidas, elaborar questões. Por isso ele é tão improdutivo/repetitivo. As certezas fecham a possibilidade de encontro com o novo. Para além (ou aquém) das respostas, em uma análise podemos construir boas questões sobre nossa história... que nos movimentarão a produzir melhor a partir de nossas falhas. Como escreve Luiz Fernando Veríssimo: "está certo, a gente morre sem entender o sentido da vida, mas não faz mal porque ninguém vai nos testar depois". ■

Dostoiévski e a questão do parricídio



Tayara Barbosa Tomio
Psicóloga (CRP 08/23302) e Relações Públicas. Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (UniCesumar) e Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura (PUC-SP).

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu em 30 de novembro de 1821, em Moscou. Foi considerado um dos maiores romancistas da história e um dos mais inovadores artistas de todos os tempos. Sua mãe, Maria Fiodorovna, apresentada como uma mulher tranquila, doce e resignada, morreu quando ele era ainda muito jovem. Seu pai, o médico Mikhail Dostoiévski, era um homem rígido, autoritário e alcoólico. Naturalmente, Fiódor tomou partido pela ternura de sua mãe e, sem saber como, dia a dia seus sentimentos de aversão pelo pai foram acentuados.

Em 1837, quando sua mãe faleceu, o pai de Fiódor se entrega à bebida. Assim, ele e seu irmão, alguns anos mais velho, são enviados a São Petersburgo para ingressar na Escola de Engenheiros Militares. Mikhail sempre foi um homem cruel e descarregava sua ira nos camponeses que trabalhavam em suas terras. Segundo conta a história, os maus tratos chegaram a tal ponto que se tornaram insuportáveis, e os empregados decidiram armar uma emboscada para matá-lo. Alguns dizem que Mikhail morreu de causas naturais, mas que um vizinho da fazenda inventou a história da rebelião para comprar as terras a um preço reduzido.

Dostoiévski soube da morte de seu pai quando estava na Escola de Engenharia. Um mês antes, esse havia escrito uma carta furiosa pedindo dinheiro. Quando soube da morte da pai, Dostoiévski sentiu-se culpado pelo que o crime dos camponeses, e, como disse mais tarde em várias entrevistas, desde o início assumiu que deveria pagar pelo assassinato, mesmo que ele não o tenha cometido. Como por um dever, inteligível apenas para si mesmo, ele absorveu as responsabilidades dos verdadeiros assassinos. Sigmund Freud analisou estes fatos para escrever seu famoso artigo, Dostoiévski e o Parricídio, de 1928. Vale ressaltar que em 1913, no texto Totem e Tabu, Freud inventa um mito de origem para toda a humanidade e propõe o parricídio como o crime primevo fundador da cultura.

Freud retoma, em 1928, no texto sobre Dostoiévski, esse desenvolvimento teórico e reafirma que o parricídio é a principal fonte do sentimento de culpa do homem. Neste ensaio, Freud procede a uma leitura interpretativa da obra de Fiódor Dostoiévski, a partir de alguns trechos de falas e situações pinçadas de seus romances e de comentários sobre a sua vida privada, na tentativa de explicar aspectos clínicos (neuropsiquiátricos) atribuíveis ao homem empírico. O mesmo divide-se em duas partes distintas. A primeira faz referência ao caráter de Dostoiévski em geral: seu masoquismo, seu sentimento da culpa, seus ataques epiléticos e sua dúplice atitude no complexo de Édipo. A segunda parte aborda o problema de jogo de Dostoiévski fazendo uma comparação com uma novela de Stefan Zweig.

Freud inicia o texto destacando quatro facetas da personalidade de Dostoiévski, são elas: o artista criador, o neurótico, o mora-

lista e o pecador. Como artista criador, Dostoiévski é facilmente indicado por sua rica produção literária que, segundo Freud, não destoa muito da riqueza das obras de Shakespeare. Quanto ao aspecto moralista, Freud destaca que é moral aquela pessoa que é exposta ao pecado e mesmo assim não atua como pecadora, que consegue conciliar comportamentos e pensamentos de natureza mais animal com as reivindicações da sociedade. O que pode ser percebido pelo fato de que Dostoiévski teve seu pai assassinado quando jovem, e não por isso tornou-se assassino ou passou a praticar ações vingativas reais. A faceta pecadora ou criminosa do literário se torna perceptível justamente em suas tramas literárias, relatando histórias de personagens violentas, homicidas e egoístas, o que mostra que ele mesmo tinha tendências semelhantes.

Para a compreensão da neurose, Freud utiliza a análise do sujeito do sintoma, nesse caso da epilepsia. O ensaio sustenta que as crises epiléticas de Dostoiévski não seriam de fato reais do ponto de vista da neurologia, ou seja, o escritor não sofreria de uma condição clínica concreta diagnosticada pela medicina como epilepsia, mas, sim, de uma condição psíquica inconsciente, que o faria manifestar uma pseudo-epilepsia - causada, por sua vez, por uma forma de neurose, denominada por Freud 'Epilepsia Histórica'.

Segundo suposição de Freud, os sintomas neuróticos de Dostoiévski teriam assumido forma epilética a partir do assassinato de seu pai. Nesse ponto se torna visível a questão do parricídio: como demonstrado pelo Complexo de Édipo, Dostoiévski teria, ao mesmo tempo, ódio do pai, por vê-lo como rival pelo amor da mãe, e uma identificação com ele, através da admiração e desejo de ocupar seu lugar, fundando uma relação ambivalente.

A repressão do ódio pelo pai e a identificação com ele (por buscarem o mesmo lugar em relação à mãe) fundam o superego. Freud traz o exemplo de que "se o pai for duro, violento e cruel, o superego assume dele esses atributos, e, nas relações entre o ego e ele, a passividade que se imaginava ter sido reprimida é restabelecida".

Concluimos que quando Freud se refere à Dostoiévski está preocupado em analisar o homem como reproduzidor de vozes inconscientes. Através da utilização de textos do escritor, o pai da Psicanálise consegue explicar ao público ideias fundamentais de sua teoria, relacionadas ao ego, superego e id. Vale ressaltar que o psicanalista condenava Dostoiévski por ser pecador, jogador, incapaz de renunciar às tentações. Dizia que ele se entregava à experiência do mal como se o erro lhe fosse necessário para, em seguida, proclamar as mais exigências éticas, na condição de moralista.■

ASSOCIAÇÃO DE PSICANÁLISE DE MARINGÁ
ATO ANALÍTICO

CICLO DE SEMINÁRIOS DE PSICANÁLISE
O REAL, O SIMBÓLICO E O IMAGINÁRIO



Ministrante
Marcus do Rio Teixeira
Salvador - BA

24 de março
26 de maio
25 de agosto
27 de outubro

09h às 12h e 14h às 17h

PUC Maringá

INSCRIÇÕES

44 3225 4561 | Ato Analítico
44 99970 0240 | Estefani
44 99929 5658 | Michely
evento.atoanalitico@hotmail.com

APOIO



PSICANÁLISE

O castelo e o inconsciente


João Henrique Piva Boeira

Acadêmico de Psicologia do 3º ano
Unicesumar. Membro do Instituto
Psicologia em Foco

"[...] Ela estendeu a K. a mão trêmula e o mandou sentar-se ao seu lado; falava com esforço, era preciso se esforçar para entendê-la, mas o que ela disse". E assim termina bruscamente a tradução brasileira de Modesto Carone, do livro "O Castelo", feita com as 495 páginas da edição crítica alemã.

O fausto kafkiano do século XX, assim referido no posfácio da obra, é impelido por forças que nos causam estranheza desde o início da sua trajetória, nos retirando de um plano consciente. Ao chegar no vilarejo, K. se depara com um local de recepção ambíguo, onde, ao fundo, no topo de uma colina gelada, se vê um castelo rodeado pelo voo de bandos de gralhas.

A criação do típico labirinto psicossociorrelacional nas obras de Kafka se manifesta, aqui, como um porão de angústias. Vão se revelando pistas de incontáveis influências invisíveis e bloqueios burocráticos por todo o romance; sem que o senhor K. consiga agir objetivamente sobre eles. Uma destas influências se destaca pela figura de Klammm, um senhor do castelo, que passa a ser alvo da obsessão do herói.

O acesso à figura original de Klammm é algo que um leitor ordinário entende, desde o princípio, como algo

incapaz de ocorrer. Mas os caminhos, e como a escolha destes são feitas pelo personagem, é o que retém a atenção na leitura. O desconhecimento passa a reger todas as suas ações, até mesmo aquelas que o personagem julga mais autônomas. Um exemplo digno de destaque seria a marcante conversa com Frieda, em que é exposta uma análise das mais profundas pretensões de K. aos olhos da dona do albergue; entre elas o fato de estar usando a sua mulher como via de acesso a Klammm e sua indiferença quanto aos danos que isso pode gerar na vida das pessoas mais próximas dele. Mesmo que suas intenções sejam negadas, inclusive a sua dita obsessão, por serem apontamentos de caráter extremamente expositivo, K. se retrai. Existe um insight aqui que nos entrega, em mãos, a chave principal desta breve análise do livro: o próprio castelo como uma metáfora ao inconsciente do agrimensurador.

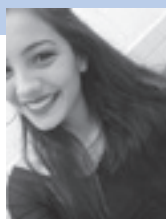
Antecedida pelos estudos de Copérnico e o trabalho de Charles Darwin, a abordagem psicanalítica, para Freud, foi um terceiro ataque ao narcisismo humano. Quando percebe que não pode ser senhor de seu próprio corpo, K. mergulha em um estado de negação até o final inacabado do livro, estendendo o seu ciclo persecutório.

Quanto ao autor, Kafka bebeu das águas de uma sociedade vitoriana pertencente ao Império Austro-Húngaro, tal como Freud. Embora dotado da aptidão literária, Kafka sofreu com toda a rigidez de seu tempo, no que diz respeito à sexualidade psicanalítica. O escritor, castrado pela figura de seu pai autoritário e psicologicamente abusivo, fora obrigado a passar a sua breve vida (1883-1924) trabalhando em escritórios de advocacia. Manteve-se tímido, incapaz de sustentar qualquer envolvimento amoroso e com dificuldades de auto aceitação. Antes de sua morte, Kafka ordenou que um amigo próximo se livrasse de todas as suas obras. Felizmente, a sua vontade não foi atendida.

Embora o grande escritor nunca tenha feito referências diretas à Psicanálise, percebe-se a facilidade na qual estas se relacionam com a produção freudiana. A experiência para aqueles que se aventuram na leitura de "O Castelo" pode ser facilmente conectada com uma das inúmeras e marcantes frases de Freud:

"Os poetas e os filósofos descobriram o inconsciente antes de mim. O que eu descobri foi o método científico que nos permite estudar o inconsciente". ■

Antígona: desejo, ética e ativismo


Francieli Ferri

Acadêmica de Psicologia do 4º ano Unicesumar. Membro do Instituto Psicologia em Foco.


Letícia Cabral Gonçalves Lopes

Acadêmica de Psicologia do 2º ano Unicesumar. Membro do Instituto Psicologia em Foco.

Em Antígona, escrito por Sófocles, cerca de 420 a.C., é descrita a decisão da filha do incesto entre Édipo e Jocasta. Antígona decide enterrar, de forma digna, seu irmão Polínice, morto em uma disputa pelo trono da cidade de Tebas. Seu irmão Etéocles, teve o mesmo fim, porém seu corpo recebeu as devidas honras, segundo a ordem do rei Creonte, tio deles.

No decorrer do mito, que se passa na cidade de Tebas, ilustra-se o desejo de Antígona. Quando Creonte declara que um de seus irmãos, Etéocles, receberia um ritual de morte digno enquanto outro, Polínice, permaneceria "despejado" no local da batalha, Antígona se revolta, gerando a essência da ação trágica. Ela não abre mão do desejo de que seus dois irmãos tenham o mesmo direito, ainda que isso custe sua vida, evidenciando aqui o papel da pulsão de morte. Uma tragédia que se fez em torno de conflitos intra e extra psíquicos e que culminaram na morte dos envolvidos. Os irmãos, com seus desejos de governarem, entram em conflito em relação ao poder do trono e são regidos pelo processo primário em busca de prazer imediato, ou seja, a realização do desejo de governar; e Antígona, seu desejo de enterro digno a Polínice.

A ideia de não sepultar o irmão traz consigo o simbolismo da punição pós morte (Antígona: "Não queiras matar quem já morreu"). Dessa forma, a relação de Antígona com a busca de realizar seu desejo se eleva, sendo possível vislumbrar uma relação que se funda em perda, e a continuidade da ação, mesmo tendo em vista que não haverá justiça perante à lei declarada por Creonte.

A obra ilustra uma sociedade patriarcal, onde os homens fazem a lei, gerando superioridade destes para com as mulheres, tema que atualmente é debatido graças à diversas lutas e movimentos. Nota-se, também, a catexia da energia psíquica de Antígona, que busca a todo custo a realização do seu desejo; desconsiderando a realidade externa e a demanda do superego, em conciliar seu desejo com as consequências que o meio lhe atribuiu.

Jacques Lacan comenta, em um dos seus seminários (Ética da Psicanálise), acerca das razões de Creonte e da busca da realização do desejo de Antígona levada além do limite. Lacan cita que "o bem não poderá reinar sobre tudo sem que apareça um excesso, de cujas consequências fatais nos adverte a tragédia"; clareando-nos acerca do fim fatídico da protagonista, que também é levado em consideração na última fala do texto, em que o coro da dramaturgia encerra com: "E não formulem desejos. A vida é breve, e um erro traz sempre um erro. Desafiado o destino, tudo é destino. E aos mortais, não cabe evitar as desgraças que o destino traz".

Ademais, Lacan traz à luz a compreensão entre a proximidade do desejo e a pulsão de morte. Sendo assim, pode-se verificar que nem todo desejo é da ordem da pulsão de vida, evidenciando a capacidade do ser humano de, inconscientemente, atender a este mecanismo que visa seu aniquilamento. Portanto, é plausível vislumbrar a atualidade dos conceitos e metáforas mitológicas dentro do contexto social, almejando explanar e ampliar as elucidações acerca do homem e a forma que este enxerga e lida com o mundo. ■



Sébastien Norblin (1825)

COMPORTAMENTAL

Terapia Cognitiva: O Inconsciente por Outra Via


Milton de Paula Junior

Psiquiatra e Terapeuta Cognitivo (CRM 20.266, RQE 12.335 | 16.982). Competência em ensino e supervisão pelo Beck Institute – EUA. Diretor do Centro de Terapia Cognitiva Veda de Maringá. Presidente da Associação de Terapias Cognitivas do Paraná – ATCPR


Grazielle Luiza Barizon Scopel Gerbasi

Psicóloga do Hospital Municipal de Maringá (08/10300). Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar pelo Hospital Pequeno Príncipe e em Terapia Cognitiva pelo Centro de Terapia Cognitiva Veda de Maringá. Mestre em Psicologia pela UEM. Doutoranda em Psicologia na UEM. Docente do Centro de Terapia Cognitiva Veda de Maringá

O inconsciente permeia o mundo em que vivemos. Desde o momento que acordamos até a hora que vamos dormir ele molda nossos comportamentos, dos mais básicos, como escovar os dentes (por que algumas pessoas pressionam tanto a ponto de terem lesões bucais?), até os mais complexos, como a escolha dos nossos parceiros. Por outro lado, ele paradoxalmente é influenciado pelas nossas atitudes, já que ele é mutável, maleável, em função de novas experiências de vida. Trata-se de um processo de mão dupla, único de cada indivíduo, e motivo pelo qual diante de uma mesma situação cada pessoa reagirá de modo diferente, e as consequências desses atos serão interpretadas de formas distintas.

Não há dúvidas, se o inconsciente não existisse, grande parte da complexidade humana também não existiria. A humanidade vem tentando desvendá-lo há milênios. Filósofos, cientistas, teólogos, todos sempre tentaram descobrir o que faz as pessoas serem o que são. Imagine que chato seria ler um livro de maneira puramente racional, ou ouvir uma música só prestando atenção à sincronia das notas. Existe outro mundo paralelo ao que pensamos ou sentimos conscientemente. Nossa racionalidade e nossas emoções estão intrinsecamente relacionadas e ambas emergem de processos mentais não conscientes.

A Terapia Cognitiva (ou Terapia Cognitivo-Comportamental como é designada atualmente) foi desenvolvida na década de 50 por Aaron T. Beck e, posteriormente, complementada por uma série de colaboradores. Beck era um psicanalista que, a princípio, buscava validar cientificamente a Psicanálise e, neste caminho, desenvolveu uma forma nova de entender o funcionamento psíquico. Ele propôs uma outra visão acerca do aparelho psíquico, e mostrou que quanto mais aprendemos sobre a complexidade mental, mais descobrimos que ainda temos muito a desvendar.

A Terapia Cognitiva reconhece a existência de um processamento mental inconsciente, com respaldo em evidências fornecidas pelas Neurociências. Entretanto, não se trata do Inconsciente como instância

psíquica tópica ou dinâmica, tal como a proposição psicanalítica. Embora Beck reconheça a contribuição freudiana ao postular a existência de dois tipos de processos psíquicos: o primário e o secundário (sendo este último mais ajustado à realidade). Tais processos se assemelham às suas próprias ideias sobre um processamento mental automático (mais rápido e menos dispendioso de recursos) e um reflexivo (mais lento, dispendioso, mas também mais ponderado e lógico) que permite a reavaliação das interpretações mais imediatas fornecidas pelo primeiro.

Beck descobriu, durante suas pesquisas, que nossos sentimentos têm uma fonte bem definida: nossos pensamentos. Sempre que estamos tristes, ansiosos, com medo, raiva, ou mesmo felizes, alegres, isso é resultado de processos mentais, cujo conteúdo pode ser percebido ou não. Só que esses pensamentos, que são únicos de cada pessoa, por sua vez provêm de crenças mais profundas, formuladas na primeira infância e moldadas ao longo do tempo, e vão nos acompanhar por toda nossa vida.

A Terapia Cognitivo-comportamental teoriza que todos nós temos crenças profundas, arraigadas, chamadas de centrais ou nucleares. Essas crenças não são conscientes, e mais do que isso, geralmente são rechaçadas com veemência se confrontadas, porque estão ligadas a uma grande fonte de afeto. Só que elas moldam a maneira como observamos o mundo e como nos desenvolvemos como seres humanos. Elas aparecem diariamente nas nossas vidas, diante de grande parte das situações, mas de modo indireto, na forma de pensamentos automáticos disfuncionais, e essa é uma das causas do sofrimento psíquico.

Vamos considerar como exemplo uma criança que cresça com a ideia de que é incapaz e que não consegue fazer direito as coisas. Uma possível maneira de lidar com isso será se esforçar ao máximo para a perfeição, pois assim compensará sua crença de incapacidade. Ela poderá crescer prestando atenção a tudo o que se relacione a seu desempenho e ao de outras pessoas, analisando, julgando. Quando se tornar adulto poderá ter a tendência a se desgastar

diante de qualquer tarefa, pois acreditará que não pode fazer nada que não beire a perfeição, mesmo que isso não seja necessário ou possível. Ela vai se engajar em esforços extremos para atividades básicas, pouco importantes em sua vida, o que será fonte de muita ansiedade, com enorme sofrimento psíquico e poderá apresentar sintomas de insônia, inquietação e irritabilidade, por exemplo. Mesmo que ela saiba que deveria ser diferente, é difícil modificar sua crença, pois os pensamentos automáticos de que precisa fazer daquela forma são fortes.

Outro exemplo é uma situação de estresse extremo, como um assalto com sequestro. Por que algumas pessoas desenvolvem transtorno de estresse pós-traumático, pensando nisso o tempo todo desde então, e outras conseguem esquecer e voltar a suas vidas normalmente? Isso tem a ver com as crenças prévias de cada um, que moldam as reações diante da mesma situação.

O trabalho para mudar essas crenças e pensamentos disfuncionais, ou, no mínimo, torná-los funcionais, não é fácil (como não é fácil o trabalho em qualquer linha psicoterápica), mas os resultados compensam todo o esforço. É possível identificá-los utilizando técnicas específicas, que passam das centenas. Através de uma formulação e conceituação de caso, conseguimos fazer um mapa desde a formação das crenças, os fatores envolvidos, até o desenvolvimento de crenças intermediárias, estratégias compensatórias e pensamentos disfuncionais, e a relação deles com os sintomas, dessa forma entendendo como eles interferem diretamente na vida dos pacientes.

O caminho para uma boa atuação como psicoterapeuta depende de muito estudo e de que a prática seja baseada em evidências científicas, já que na sociedade moderna tudo é muito dinâmico e conceitos são revisados o tempo todo. Todas as linhas psicoterápicas têm algo a acrescentar, já que todas lidam com fenômenos semelhantes, apenas vistos por outra perspectiva.

Todos nós temos um universo rico e fascinante dentro de nós mesmos que constitui nossa subjetividade, mas nunca será possível conhecê-lo totalmente. ■

Dra Angela Maria Pires Caniato
CRP-08 : 0336
Psicoterapia de base Psicanalítica

(44) 99916 - 7348
(44) 3224 - 2167

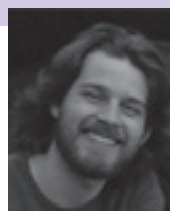
EMILY ALBUQUERQUE
Psicóloga
CRP: 08/24208

• Crianças
• Adolescentes
• Adultos

44 999194877
/psicologae.albuquerque
emi_lylaiane@hotmail.com

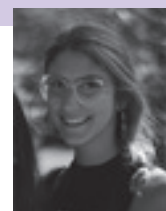
EXISTENCIALISMO

Introdução à fenomenologia, existencialismo e a literatura engajada de Sartre



Lucas Trintim

Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e integrante do GEFEX.



Gabriela Romagnolli Rodrigues Gomes

Graduanda do 3º ano de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e integrante do GEFEX e Instituto Psicologia em Foco.

A fenomenologia, por meio do método fenomenológico, ofereceu à Psicologia e outras ciências uma nova forma de acesso ao mundo, uma nova compreensão sobre objeto de pesquisa e uma ontologia do homem. Na tentativa de superar o mecanicismo, o naturalismo e o positivismo que permeavam as ciências, a fenomenologia aparece no século XIX negando a dualidade da relação sujeito-objeto e questionando a imparcialidade do sujeito pesquisador. No lugar disso, se propõe a acessar a consciência humana que, por sua vez, não está no homem, nem no mundo, mas surge no encontro e no "acordo" entre ambos.

Nomes que se destacam na Fenomenologia são Franz Brentano (1838-1917), Carl Stumpf (1848-1936), Edmund Husserl (1859-1938) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Porém, foi a concepção de Husserl que iniciou verdadeiramente o movimento fenomenológico. O pensador propõe a "redução fenomenológica", um encontro com o mundo em que suspendemos os preconceitos dos valores, teorias científicas e crenças pré-existentes. Dessa forma, será possível nos vermos como autores de tudo e inter-relacionar o mundo com nós mesmos. A fenomenologia pode ser compreendida como uma filosofia e como um método que, no campo da Psicologia, apresenta grandes contribuições para a relação psicoterapêutica e psicopatológica.

O Existencialismo, assim como a Fenomenologia, também se preocupa com a relação homem-mundo. O que talvez une os pensadores identificados como existencialistas é a inquietação com a ação e a consciência do problema das escolhas. Essa corrente de pensamento se propõe a investigar o modo de ser do homem no mundo e, além disso, questiona o próprio mundo, quebrando a concepção de que ele já

está dado, pronto ou constituído (EWALD, 2008).

Soren Kierkegaard (1813-1855) é considerado o precursor do pensamento existencialista. Depois dele se destacam Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Simone de Beauvoir (1908-1986), Albert Camus (1913-1960), Karl Jaspers (1883, 1969) e também Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Jean-Paul Sartre foi o pensador responsável por dar maior visibilidade ao existencialismo.

A filosofia de Sartre pressupõe uma visão de homem na qual ele "existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define" (SARTRE, 1987, p.6). O homem concebido por Sartre não tem um fundamento dado de antemão, e, por essa insubstantialidade, busca seu fundamento fora de si, no mundo.

Além de sua produção filosófica, o pensamento de Sartre também está presente em seus romances, peças de teatro e no seu engajamento político. No final da segunda guerra mundial, juntamente com um grupo de intelectuais, lançou a revista Les Temps Modernes, na Paris de 1945. Já no primeiro número da revista, Sartre se posiciona a favor da literatura engajada, tema retomado por ele em 1947 no ensaio Que é a literatura?

Para compreender a noção de literatura engajada, Sartre examina a literatura a partir de 3 estágios: O que é escrever? Por que escrever? Para quem escrever?, perguntas que revelam seu posicionamento em relação à literatura: ela só se justifica se tiver uma função social.

Contudo, nem toda arte e literatura são engajadas. A poesia, as artes plásticas e a música estariam agrupadas às artes que não possuem uma significação definível, e que portanto, não podem ser engajadas. Já a prosa, cuja matéria é significativa, poderia

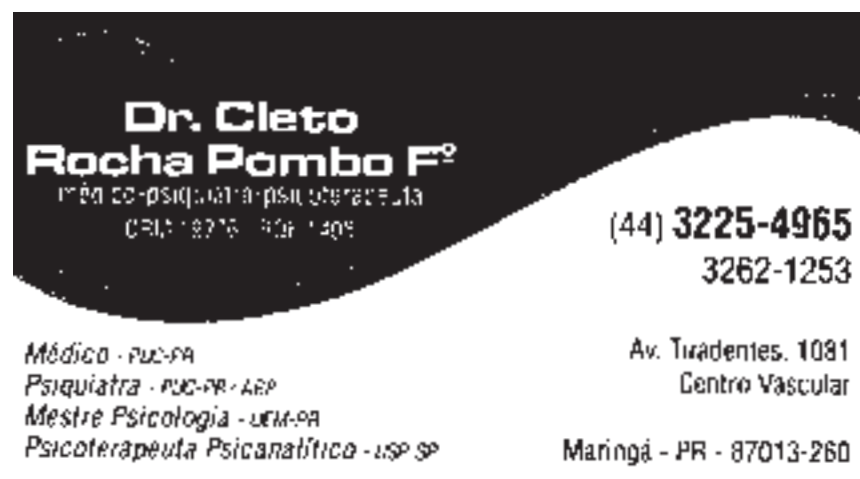
ser engajada na medida em que é possível desvelar o que se diz. Para Sartre, falar é agir e agir é engajar-se. A literatura não engajada é, para ele, alienada e abstrata. Alienada já que se submete às potências temporais ou à ideologia, e abstrata uma vez que ainda não adquiriu visão plena de sua essência, de seu valor, significado, força. (FIGURELLI, 1987).

Em oposição à ideia de uma literatura alienada e abstrata, Figurelli (1987) apresenta a literatura concreta e libertada de Sartre. Esta literatura deve entender a totalidade dos homens que vivem em determinada sociedade, deve dirigir-se a um público concreto, situado em dado momento. Só assim, o escritor perceberá que não há diferença entre seu assunto e seu público: quando fala de seu público, fala de si e quando fala de si, fala de seu público.

Desta forma, a literatura permitirá o leitor a ver-se a si mesmo em situação. Em situação, pois a literatura, além de descrever o presente, julga-o em nome de um porvir. Ela "[...] é a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente." (SARTRE, 2004, p. 120,).

Sartre enfatiza que a criação literária só encontra realização plena na leitura, ou seja, ela apela à liberdade do leitor para que este colabore com a produção da obra. Por este motivo, a literatura jamais poderá se por a serviço de ideologias ou regimes que violem a liberdade do homem. Para Sartre (2004), escrever é uma certa maneira de querer a liberdade do homem.

Em resposta ao que é a literatura, há uma evolução histórica dessa ideia que depende da situação do escritor na sociedade, da relação que estabelece com o público que lê, que depende dos fins que ele visa ao escrever. Não há como buscar uma essência da literatura sem considerar sua historicidade, e é papel do escritor conhecer e responder às exigências de sua própria época. ■



Ato Analítico passa a ser associação



Clínica psicanalítica, instituição de ensino e transmissão de psicanálise.

A passagem do desejo narcísico de “ser analista” ou de ser reconhecido como tal, ao campo do “desejo do analista”, lugar ético a ser ocupado por um psicanalista, se dá num percurso de estudos teóricos, supervisão de casos clínicos e, principalmente, de análise pessoal. O tão conhecido tripé da psicanálise, citado por Freud.

Lacan não deixou de apontar, anos mais tarde, a importância da instituição psicanalítica nesta trajetória, ao afirmar que um analista deve “autorizar-se por si mesmo”, pela via de sua própria análise, e “entre pares”, ou seja, ao dar testemunho de sua posição ética no interior de uma instituição.

Portanto, um psicanalista não se forma sozinho. Não basta um título de graduação ou de especialista. Como afirmava

Lacan, “nem todo ser falante pode se autorizar a bancar o analista”. É preciso manter-se permanentemente em formação, dispondo-se a leituras e estudos, interrogando-se sobre sua prática e sobre si mesmo.

Com esse fio condutor, o Ato Analítico nasceu em Maringá no ano de 1998. Somam-se ao longo desses 20 anos de jornada, uma infinidade de atividades de ensino e transmissão: cursos, palestras, seminários e eventos variados, com o

intuito de disseminar o discurso freud-lacaniano para além dos muros acadêmicos, onde, tradicionalmente a psicanálise era ensinada em nossa cidade.

Como fruto desse trabalho, hoje podemos testemunhar o engrandecimento desse espaço e, por um ato, fundar a primeira Associação de Psicanálise de Maringá. Já não estamos sós nessa jornada. No decorrer desses anos, testemunhamos o caminho daqueles que se iniciaram em nossas atividades de ensino, transmissão e cartéis, muitos ainda na condição de estudantes, e que vem realizando um percurso legítimo de formação em psicanálise. Como sabemos, cada um ao seu ritmo, de acordo com sua singularidade. Pois a instituição deve possibilitar que cada psicanalista seja único em sua trajetória e estilo.

Segundo Lacan, “O desejo enquanto real não é da ordem da palavra e sim do ato”. E, com esse ato, realizamos nosso desejo e inauguramos um novo momento do Ato Analítico na cidade de Maringá, criando novas possibilidades àqueles que se interessam pela teoria e método da psicanálise. Lugar institucional que confere legitimidade aos estudos, à supervisão de casos clínicos e à análise pessoal dos que não recuam diante da complexidade que lhe é própria.

Desse modo, nossa Associação de Psicanálise de Maringá – Ato Analítico – acolherá todo aquele que deseja se lançar nesse universo, e que, mesmo capturado por uma rede imaginária, esteja disposto a simbolizar o real. Pois, sustentar o desejo de saber, é admitir-se castrado, não completo, não inteiro. Primeiro passo necessário e, até mesmo, inevitável, para se iniciar a formação de um psicanalista.

Sinta-se convidado a participar! ■



Mudanças, quando para melhor, são sempre bem vindas!
Ainda mais quando **transcendem** estágios e promovem evolução.

Cada pessoa é única.

Pensando nisso, estamos ampliando nossa equipe, acrescentando novas modalidades de tratamento e terapeutas adequados para cada sujeito.



essentia
Clínica de Psiquiatria e Psicoterapias

(44) 98813-4848

(44) 3346-9222

/essentiamed

/EssentiaClinicadePsiquiatria

Av. Joaquim Duarte Moleirinho, 2282
Jd. Alamar - com estacionamento próprio

www.essentiamed.br

LITERATURA

O olhar para o outro: presunção em Clarice Lispector



Jose Valdeci Grigoletto Netto
Psicólogo (CRP 08/24556),
curso especialização em
Saúde Mental, Psicopatologia
e Atenção Psicossocial. Atua
na Assistência Social de São
Carlos do Ivaí – PR.

Penso não ser justo começar a apresentação de um escritor ou de uma escritora com a famigerada frase: “como todos já sabem”. Não, nem todo mundo sabe. Assim, me aventurei a começar este texto de uma maneira provocativa: instigo-o (a) ao ato revolucionário da pesquisa, da busca pelo conhecimento, do estudo – em outras palavras, o saber.

Vamos ao conto em si. O personagem W... aparentava ser um homem com fortes traços depressivos e melancólicos. Ao descrevê-lo, a personagem que narra o conto diz que ele só falava com ela acerca de destruição, cacos e pedaços partidos. Ela, por outro lado, não colocando fé em seus atos de destruição, pensava: “trata-se de um artista”, ou seja, de alguém que estava assumindo um papel que não era compatível com a realidade. Para a personagem, que se apresenta como tendo pouca idade (vinte e dois anos) e, por isso, jovial, ativa e positiva com a vida, as palavras cinzas do rapaz não faziam sentido algum. Para ela, ele era capaz de destruir tudo ao seu redor, menos seus próprios desejos (ele gostava de beber café com muito açúcar) e, por isso, não estava sendo de todo verdadeiro. Se ele ainda sentia prazer em algo na vida, seria impossível que fosse tão triste.

Em um pensamento permeado com total falta de empatia, a personagem chegou à conclusão de que ou ela o destruiu primeiro ou ele a destruiria. Como ela nutria um sentimento por ele, talvez possamos chamá-lo de amor, após muito pensar, ela chegou à conclusão de que iria pedi-lo em casamento. Não! Iria avisá-lo de que iriam

se casar. Plano perfeito. Destruí-la pode ter significado acabar com todas as suas “cores” na qual ela enxergava o mundo, isto é, ou ela colocava cor na vida dele ou ele colocaria cacos em sua vida – em sua maneira de ver o mundo, tornando-a triste também. *Segundo acreditava, era preciso colocar W... em estado de choque para conseguir alguma reação diferente da habitual, isto é, de total desinteresse e lamúrias. De certa forma, ela conseguiria destruí-lo e, por isso, a única forma de terminar com aquela situação, seria tentando acabar com a imagem que ela acreditava que ele havia incorporado, ou seja, destruir a própria tendência que W... possuía para a destruição.

Logo no fim do conto quando a personagem descobre que o que aconteceu com W..., parece que ela finalmente compreende que ele era capaz de destruir a si mesmo – tanto seu corpo como seu desejo de viver. Ao destruir a si próprio, W... a destruiu também. Talvez tenha sido o suficiente para ela perceber que a situação era mais delicada do que ela havia suposto, ou seja, W... não era um artista: ele era exatamente como ele se mostrava. Ele era triste.

Tempos depois, casada e com um filho, narrando o conto, a personagem busca entender o que havia acontecido, qual foi o sentido da passagem de W... pela terra, bem como o sentido de sua própria dor. Percebo que a personagem, em hipótese alguma, apresentou empatia para com W... Em nenhum momento ela se perguntou o motivo de vê-lo como sendo um homem triste e cinza. Assim, para ela, as atitudes dele eram diretamente ligadas a ela mesma: sabe aquela velha mania de acreditarmos,

sempre, que as coisas “são com a gente”? Quando a gente se coloca na posição central de uma situação? Pois bem.

Percebo, também, que em vários momentos a autora faz questão de frisar os poucos anos de vida da personagem, talvez em um gesto de nos mostrar uma possível relação entre falta de maturidade e experiências de vida, com os pensamentos presunçosos que a personagem apresentava.

Assim, hoje, com as inúmeras releituras que fiz do conto, eu o interpreto desta forma: é necessário olhar para o outro e enxergá-lo como sendo alguém que não se limita a uma extensão de nós mesmos; precisamos compreender que o outro possui uma vida e, logo, uma bagagem que não pode ser relegada à margem de nós mesmos. Colocar-se no lugar do outro não significa necessariamente tomar a dor do outro para si, mas validá-la e ter em mente que algo que para nós pode parecer pequeno e insignificante, pode vir a representar um tsunami na existência de outrem. Praticar a empatia. Nada de presunções.

Para concluir, destaco que ler e interpretar Clarice Lispector são tarefas singulares e, magicamente, se modificam a cada leitura. Futuramente, quando eu rere o conto, quem sabe eu o veja com outros olhos. Sempre há uma frase que se renova em sentido! Desta forma, digo que minha interpretação não deve ser vista como verdade universal e detentora de todo o sentido da obra. Não sou especialista em estudos literários e, muito menos, em análise de textos, como muitos o são. Apenas me aventurei a sentir Clarice. Não, nem todo mundo sabe! ■

LITERATURA

A mitologia na literatura



Alessandro Rodrigo de Matos Miranda
Advogado inscrito na OAB/
PR 47.743

A ligação entre literatura e mitologia sempre foi muito forte. Não só pelo fato de ambas passarem uma mensagem, uma de forma escrita outra narrada, ou pelo conteúdo, existencialista, mas, também, em razão do mito ter encontrado guarida na literatura.

Nas sociedades arcaicas, o mito representava uma história real, possuindo um caráter sagrado, exemplar e significativo, sendo a narrativa de uma criação. Logo, o mito constituiu a sociedade arcaica assim como a história constituiu a sociedade moderna, conforme ensina Eliade (1978). A diferença é que a história é linear e irreversível, enquanto o mito é atemporal e passa por atualizações. Assim, este, para ser conhecido, deve ser recitado, evidenciando o poder da linguagem, da palavra.

A palavra, fonte da literatura e da linguagem do mito, não impediu um certo distanciamento entre ambos. Claude Lévi-Strauss (1993) defende que, com a lenda e romances, o mito perde o patamar de narrativa fundadora. Todavia, até hoje o mito tem espaço na fina literatura.

Para exemplificar esta relação entre mito e literatura, temos um encantador de palavras, Machado de Assis, o Bruxo do Cosme Velho. O autor viveu na passagem do Império para República do Brasil, a bela época da literatura brasileira. Ele, como outros, Monteiro Lobato, Joaquim Nabuco, era estudioso da mitologia grega e este traço não faltou em suas obras. Verdade que muitas vezes os mitos apareciam de forma irônica nos textos dos autores, mas estava presente.

Algumas relações das obras de Machado de Assis com a mitologia ficam claras no conto “A mão e a luva”. Há diversas citações gregas; o autor publica um conto chamado “Oráculo” e utiliza o conceito grego também em “Esaú e Jacó”, quando compara o costume grego de consultar o Oráculo ao da sociedade fluminense, que representada por uma dama, procura uma adivinha cabocla – talvez aqui diria mais uma vez Monteiro Lobato: – “Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade. Aquiles lá; Quasimodo aqui”; na obra “O espelho” o mito de Narciso é patente, afinal, o espelho era o bem mais precioso da casa; e na “Teoria do Medalhão” também há menção a cultura clássica greco-romana.

Já no século XX, a mitologia se manifesta nos romances mundiais, como superação do realismo do século XIX e como percepção de certos princípios constantes na história. Esses romances mitológicos sofrem grande influência, ainda, da psicanálise. Conforme assinala Mielietinsky (1987): “a psicologia estritamente individual é ao mesmo tempo universalmente humana, o que abre o caminho para a sua interpretação em termos simbólico-mitológicos”.

Desse modo, o romance mitológico do século XX, apoiado nos pressupostos e na linguagem da psicanálise, desenvolve a interiorização da ação principal, com a elaboração da técnica do monólogo interior e do fluxo de consciência, técnicas comparáveis ao método psicanalítico das livres associações.

Muitos autores se aproveitaram da riqueza da mitologia em seus textos, entre eles Clarice Lispector, Oscar Wilde, James Joyce, Thomas Mann, Franz Kafka. Este último, mais como transfiguração fantástica do mundo habitual do que traçando paralelos com os mitos, comum nos demais autores citados. Mas, o que se demonstra com essa gama de autores é que embora, na vida moderna, o pensamento mítico primitivo tenha sido suprimido em favor do pensamento lógico, essa supressão não foi total; uma vez que as formulações míticas parecem ter suas raízes num imaginário universal que se manifesta no inconsciente coletivo. Dessa forma, os dramas existenciais, antes representados nos mitos e agora presentes na literatura, evidenciam questões que dizem respeito à humanidade como um todo e à sua condição de existência.

A mitologia encontra guarida na literatura e esta, por sua vez, se vale da riqueza narrativa dos mitos e juntas vão representando os dramas da humanidade, fantasiando e simbolizando questões cotidianas. Estas fantasias permitem tratar de temas tabus de forma livre, os quais aparecem vestidos com uma roupagem sobrenatural. Estando a mitologia tão próxima da literatura nada mais lógico que autores utilizarem os mitos como técnica e inspiração para suas obras. ■

dia
28/04

MITOLOGIA &
LITERATURA



Mitologias e literatura
do oriente

local PUC Maringá

horário 09h — 12h

14h — 17h

valores antecipado

R\$30 estudante

R\$50 profissionais

no dia

R\$50 estudante

R\$70 profissionais

palestrantes Cristina Agostinho

Cistina Recco

Gilmar Leal dos Santos

Jubal S. Dohms

realização



apoio





**Cultura
Inglesa**
Maringá - PR



MONTREAL TEEN PROGRAM 2018

SÃO 3 SEMANAS DE FÉRIAS INCLUINDO:

6x

R\$3.163,00

- Aéreo ida e volta (Delta Airlines);
- Hospedagem no campus MacDonald, na McGill University;
- Aulas de manhã (17 lições/semana);
 - Certificado ILSC;
 - Três refeições ao dia;
 - Seguro Viagem;
- Taxa de matrícula e materiais;
- Transfer aeroporto ida e volta.

COM GUIA ACOMPANHANDO DESDE O EMBARQUE!

SAÍDA EM 07.2

DA EM 05.07.2018

SAÍDA EM 05.07.2018

SAÍDA EM 05.07.2018

MONTREAL PARA ADULTOS 2018

- Aéreo ida e volta (Delta Airlines);
- Hospedagem em casa de família (quarto duplo);
- Aulas de manhã (17 lições/semana);
 - Certificado ILSC;
 - Duas refeições ao dia;
 - Seguro Viagem;
- Taxa de matrícula e materiais;
- Transfer aeroporto ida e volta.

6x

R\$2.496,66

INFORMAÇÕES WHATSAPP: (44)99161-3663

AVENIDA HUMAITÁ, 572 | MARINGÁ - PR | TEL: (44) 3305 3662